

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Lucas de Moura Vieira

**A APLICAÇÃO DA GEOPOLÍTICA PELO COMANDANTE DE PELOTÃO NA
OPERAÇÃO ÁGATA**

Resende

2023

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO: A Aplicação da Geopolítica pelo Comandante de Pelotão na Operação ÁGATA.

AUTOR: Lucas de Moura Vieira

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo o Exército Brasileiro (EB) a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em periódico da Instituição ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da AMAN.

Resende, 16 de JUNHO de 2023



Assinatura do Cadete

Dados internacionais de catalogação na fonte

V658a VIEIRA, Lucas de Moura

A aplicação da geopolítica pelo comandante de pelotão na operação
Ágata / Lucas de Moura Vieira – Resende; 2023. 32 p. : il. color. ; 30
cm.

Orientador: Carlos Eduardo Luz Gabriel
TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das
Aguilhas Negras, Resende, 2023.

1. Geopolítica . 2. Operação Ágata. 3. Border. 4. Frontier. I. Título.

CDD: 355

Ficha catalográfica elaborada por Mônica Izabele de Jesus CRB-7/7231

Lucas de Moura Vieira

**A APLICAÇÃO DA GEOPOLÍTICA PELO COMANDANTE DE PELOTÃO NA
OPERAÇÃO ÁGATA**

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em Ciências
Militares, da Academia Militar
das Agulhas Negras (AMAN,
RJ), como requisito parcial para
obtenção do título de **Bacharel
em Ciências Militares.**

Orientador: Carlos Eduardo Luz Gabriel.

Resende

2023

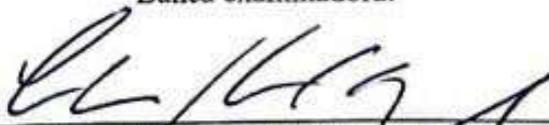
Lucas de Moura Vieira

**A APLICAÇÃO DA GEOPOLÍTICA PELO COMANDANTE DE PELOTÃO NA
OPERAÇÃO ÁGATA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 16 de JUNHO de 2023.

Banca examinadora:



Carlos Eduardo Luz Gabriel, Cel
(Presidente/Orientador)



Renderson Georg Enéas, Cap.



Matheus Moreno Balmant, 1º Ten

Resende
2023

Dedico este trabalho a todos os Oficiais Combatentes que foram formados nesta casa e que tem interesse em saber como a Geopolítica é importante e como podemos aplicá-la em nossa profissão.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por me dar saúde e força para conseguir alcançar meus sonhos e meus objetivos, pois, nos momentos difíceis em que a profissão me proporcionou, foi ele meu apoio.

Agradeço também a minha namorada, Naiane, a minha irmã, Larissa, a minha mãe, Penha e ao meu pai, José Carlos que nas horas difíceis e quando precisei de ajuda sempre estiveram lá.

Agradeço ainda aos meus companheiros de turma que fizeram essa longa caminhada ao meu lado, aos meus instrutores e ao meu orientador, Cel Eduardo, que não mediu esforços para passar seus conhecimentos e experiências para melhor contribuir neste trabalho e na minha formação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Leviatã.....	14
Figura 2: Teoria de Heartland.....	16
Figura 3: Teoria de Rimland.....	18
Figura 4: Teoria marítima de Mahan.....	20
Figura 5: Faixa de fronteira do Brasil.....	22
Figura 6: Operação ÁGATA fronteira sul em Foz do Iguaçu.....	23
Figura 7: Fronteiras da amazônia brasileira.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS

Cmt – Comandante

Pel – Pelotão

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

TCA – Tratado de Cooperação Amazônica

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

RESUMO

A APLICAÇÃO DA GEOPOLÍTICA PELO COMANDANTE DE PELOTÃO NA OPERAÇÃO ÁGATA

AUTOR: Lucas de Moura Vieira

ORIENTADOR: Carlos Eduardo Luz Gabriel

O presente trabalho apresenta uma análise sobre a atuação do tenente comandante de pelotão na fronteira, abordando as dimensões geopolítica e securitária dos problemas militares. Na dimensão geopolítica, destaca-se a importância da soberania nacional e do controle dos recursos naturais da Amazônia diante das potenciais ameaças externas e da cobiça de grandes potências. O texto menciona o Tratado de Cooperação Amazônica como uma resposta brasileira para preservar a soberania da região. Na dimensão securitária, é discutida a dificuldade de manter a soberania e o controle do território amazônico, especialmente em áreas de fronteira, onde a presença do Estado é frágil e vulnerável à proliferação de ilícitos e ao surgimento de poderes paralelos. São mencionadas as chamadas "áreas marrons", onde organizações criminosas transnacionais exercem influência sobre a população local devido à falta de presença estatal. O papel do tenente comandante de pelotão na fronteira é destacado como fundamental para a proteção e segurança do território nacional. A Operação Ágata é mencionada como uma iniciativa que intensifica a função do tenente na fronteira, empregando vários tenentes e suas tropas simultaneamente. A operação tem uma finalidade semelhante à atuação do tenente na fronteira, reforçando a importância do seu papel. Em relação à metodologia utilizada, o estudo adotou uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica. Por fim, as considerações finais destacam que a Operação Ágata se resume ao emprego do tenente e seu pelotão em larga escala na fronteira, ampliando a atuação que eles já desempenham.

Palavras-chave: Geopolítica, Operação Ágata, Border, Frontier.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the role of the lieutenant platoon commander at the border, addressing the geopolitical and security dimensions of military issues. In the geopolitical dimension, the importance of national sovereignty and control over the natural resources of the Amazon in the face of potential external threats and the covetousness of major powers is highlighted. The text mentions the Amazon Cooperation Treaty as a Brazilian response to preserve the region's sovereignty. In the security dimension, the difficulty of maintaining sovereignty and control over the Amazonian territory is discussed, especially in border areas where the presence of the state is weak and vulnerable to the proliferation of illicit activities and the emergence of parallel powers. The so-called "gray areas" are mentioned, where transnational criminal organizations exert influence over the local population due to the lack of state presence. The role of the lieutenant platoon commander at the border is emphasized as fundamental for the protection and security of national territory. ÁGATA Operation is mentioned as an initiative that intensifies the lieutenant's function at the border, employing multiple lieutenants and their troops simultaneously. The operation serves a similar purpose to the lieutenant's role at the border, reinforcing the importance of their role. Regarding the methodology used, the study adopted a qualitative approach based on bibliographic research. Finally, the concluding remarks highlight that ÁGATA Operation consists of the large-scale deployment of lieutenants and their platoons at the border, expanding the role they already perform.

Keywords: Geopolitics, Operation Ágata, Border, Frontier.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVOS	12
1.1.1 Objetivo geral.....	12
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 TEORIAS DA GEOPOLÍTICA.....	13
2.1.1 Teoria do Estado Orgânico.....	13
2.1.2 Teoria de Heartland.....	15
2.1.3 Teoria de Rimland.....	17
2.1.4 Teoria marítima de Mahan.....	19
2.1.5 Conceito de Border e de Frontier.....	21
2.2 OPERAÇÃO ÁGATA.....	22
2.3 PROBLEMAS MILITARES NA FRONTEIRA.....	24
2.4 FUNÇÃO DO TENENTE COMANDANTE DE PELOTÃO.....	26
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	28
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	28
3.2 MÉTODOS.....	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
4.1 PAPEL DO TENENTE COMANDANTE DE PELOTÃO NA FRONTEIRA.....	29
4.2 RELAÇÃO DA OPERAÇÃO ÁGATA COM O PAPEL DO TENENTE COMANDANTE DE PELOTÃO NA FRONTEIRA.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Apesar de seu uso na imprensa e ocasionalmente em escritos acadêmicos, o termo “geopolítica” permaneceu confuso na definição e mal utilizado na aplicação, em parte por causa de suas associações anteriores com teorias e ideologias desacreditadas e de má reputação. Só recentemente o termo ganhou maior visibilidade, embora isso tenha ocorrido em grande parte na mídia, onde o rótulo se conecta a perturbações internacionais prejudiciais à tranquilidade internacional e aos lucros do mercado de ações. Não tem estado disponível em um sentido positivo para estender os *insights* que alguém pode ver em sua contribuição potencial ainda oculta.

Como rótulo contemporâneo, pode-se traçar duas trajetórias de origem, ambas surgidas por volta do início do século XX. A primeira, a orgânica, refletia uma preocupação germânica com “leis científicas” que contribuíam para a sobrevivência dos Estados em um mundo cada vez mais instável, seus dois porta-vozes, Friedrich Ratzel e Rudolf Kjellén. A segunda, a geoestratégica de interesse britânico e norte-americano, descrevia a localização geográfica de estados e regiões como condicionantes das ações de relações exteriores, tendo como porta-estandarte o almirante Alfred Thayer Mahan, Halford Mackinder e Nicholas Spykman. Ambas as versões gozavam de respeito e consideração por estudiosos e formuladores de política externa.

O estudo da geopolítica também se estende aos Oficiais de Carreira da linha bélica do Exército Brasileiro, sendo esta inicialmente aplicada em sua formação na Academia Militar das Agulhas Negras, visto que o emprego das Forças Armadas em diversas operações, como a “Operação ÁGATA”, implica diretamente na necessidade do conhecimento deste conceito.

No Brasil, a Operação Ágata foi deflagrada com o intuito de reforçar as fronteiras marítimas e terrestres na região norte do país, sendo que o Exército Brasileiro tem por função combater os crimes transfronteiriços, principalmente narcotráfico, contrabando, exploração de recursos minerais ilegais, exploração ilegal de madeira, dentre outros.

O objetivo deste trabalho é relacionar a atuação do Comandante (Cmt) de Pelotão com a aplicação da geopolítica, analisando-se a eficiência do emprego do Exército Brasileiro na Operação ÁGATA, justificando-se o tema tendo em vista que o Cmt de Pelotão é a ferramenta que realmente é empregada para combater e controlar os crimes transfronteiriços.

Assim sendo questiona-se: como se dá a aplicação da geopolítica pelo Cmt de Pelotão na Operação ÁGATA?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a aplicação da geopolítica pelo Cmt de Pelotão na Operação Ágata.

1.1.2 Objetivos específicos

Descrever as teorias da geopolítica;

Descrever a Operação ÁGATA;

Descrever o papel do Comandante de Pelotão na fronteira;

Relacionar a aplicação da geopolítica à Operação Ágata pelo Comandante de Pelotão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TEORIAS DA GEOPOLÍTICA

A geopolítica é um método de estudar a política externa para entender, explicar e prever o comportamento político internacional por meio de variáveis geográficas. Esses fatores geográficos são importantes não apenas do ponto de vista militar, mas também econômico e cultural. Não é possível explicar a importância geoestratégica, por exemplo, do Leste Europeu ou do Oriente Médio, sem saber qual é a visão geopolítica do mundo adotada pelos Estados, e como essa visão é chave para o futuro de suas ações em um nível regional, mas também global.

2.1.1 Teoria do Estado Orgânico

Segundo Dantas (2016), a teoria do estado orgânico não é muito conhecida do público em geral, embora seja uma das primeiras teorias geopolíticas e, portanto, bastante arcaica e simples. Vale ressaltar que a noção de “geopolítica” inicialmente tinha uma conotação negativa, justamente devido à teoria do estado orgânico.

O etnógrafo e geógrafo alemão Friedrich Ratzel foi quem idealizou essa teoria em 1897. Por tudo isso, é um dos maiores expoentes da moderna geografia política entendida como parte fundamental da geografia humana. Ratzel foi muito influenciado pela era bismarckiana em que viveu, onde o militarismo prussiano estava em ascensão e a Alemanha estava desesperada para competir com as potências coloniais (DANTAS, 2016).

A obra de Ratzel teve grande influência sobre um de seus alunos, o cientista político sueco Rudolf Kjellen, o primeiro (1899) a cunhar o termo "Geopolítica". Esses dois teóricos, juntamente com Humboldt e Carl Ritter, lançaram as bases para a Geopolitik alemã que se desenvolveria após a unificação sob o mandato de Bismarck. Por sua vez, a Geopolitik seria amplamente exposta por Karl Haushofer, uma das personalidades que mais influenciaram o expansionismo alemão durante a Segunda Guerra Mundial (DANTAS, 2016).

Ratzel afirmou que a denominação "teoria orgânica" vem de uma visão de que os Estados, entendidos como entidades políticas, se comportam de maneira semelhante aos organismos vivos. Para que esse organismo-estado sobreviva e ganhe poder político, ele precisa ser alimentado. Essa nutrição é alcançada com base no tão famoso termo que a Alemanha nazista se apropriou, o Lebensraum (espaço vital ou habitat). Com esse termo Ratzel se referia ao território físico, portanto, pode-se afirmar que a teoria orgânica estabelece a necessidade de

os entes políticos buscarem continuamente “alimentos” (territórios) para sobreviver. Ratzel usa conceitos da biologia e das ciências naturais para interpretar a geografia política (DANTAS, 2016).

A analogia é que o alimento para um organismo é território para um país e quanto mais território ele conquista, mais a entidade política particular pode se sustentar e se preservar. Como resultado, a teoria orgânica implica que, para uma entidade política manter o controle, ela invariavelmente precisa buscar o Lebensraum e sair e conquistar o máximo de território possível. A complacência não é uma opção, caso contrário você arrisca sua segurança e está sempre vulnerável a ataques porque outras entidades políticas também se comportam dessa maneira orgânica e tentarão conquistar o máximo de território possível para se preservar. É fácil perceber a grande influência da biologia evolutiva (algo característico de sua época) no pensamento de Friedrich Ratzel. A sobrevivência do Estado como situação de luta constante, à medida que cresce seu território, cresce também seu poder, riqueza, força coletiva e, portanto, seu tempo de vida (DANTAS, 2016).

Figura 1 – Leviatã: animais ou máquinas em atitude agressiva e com alusões imperialistas.



Fonte: GEOPOLITICAL FEATURES (2019)

2.1.2 Teoria de Heartland

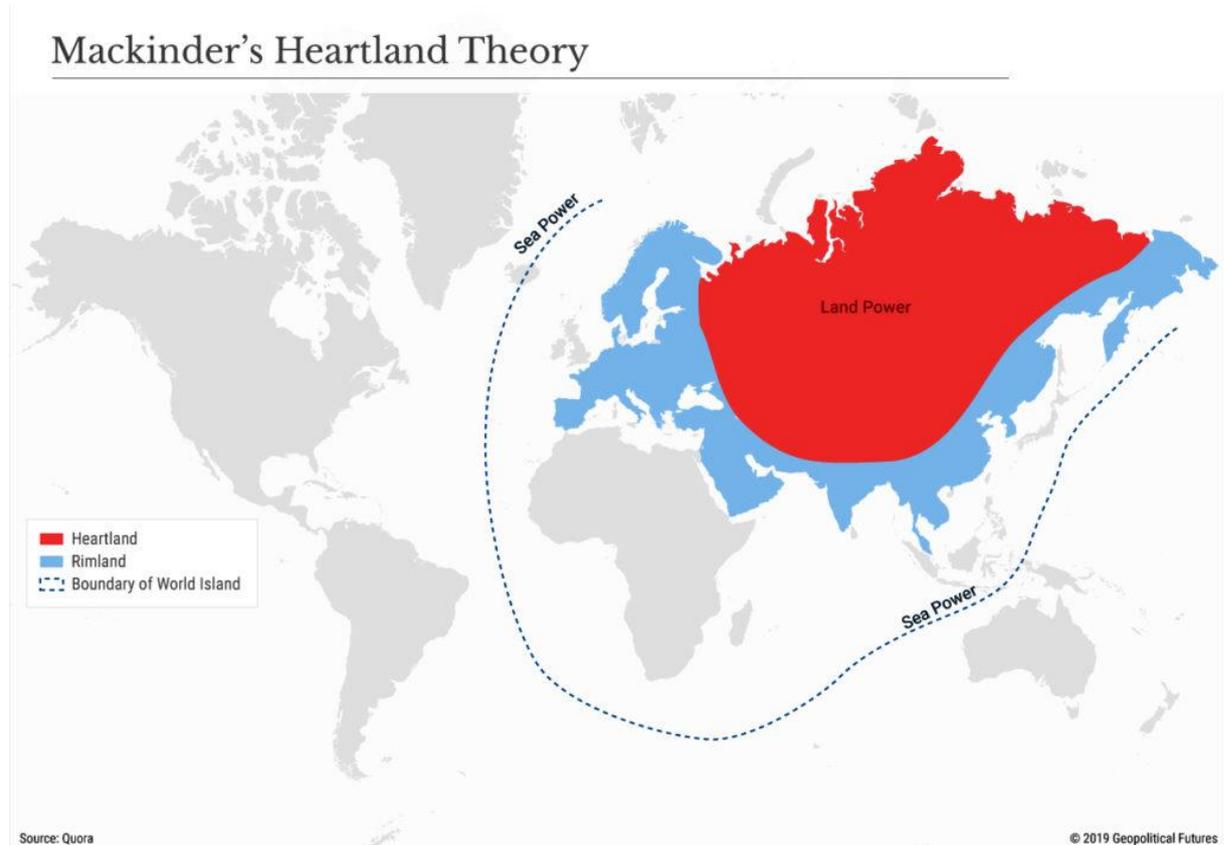
Segundo Cancian (2022), na ótica do início do século XX, o historiador, político e geógrafo britânico Halford Mackinder propôs em 1904, em sua conferência “The Geographical Pivot of History”, a ideia de que o poder é determinado por meio de um meio geográfico. Mackinder desenvolveu sua teoria quando o Império Russo estava em seu auge territorial. Enquanto isso, o Reino Unido emergia como a maior potência marítima. Sua teoria foi fortemente influenciada por essa circunstância.

Mackinder afirmava que as grandes invasões de povos como os hunos ou os mongóis provinham da Ásia Central, dali se expandiam e chegavam à Índia, à Pérsia ou à Europa, sem esquecer também o Leste Asiático, principalmente a China. A Ásia Central era a terra do poder, o coração, o “Heartland”. Por sua vez, o Heartland é cercado pelo Inner Crescent e quem busca controlar a World Island se expandirá para este Inner Crescent. Ao controlar toda essa vasta área rica em recursos, ninguém seria capaz de enfrentar o poder terrestre do Heartland (CANCIAN, 2022).

Mackinder fez uma série de modificações em 1919 em sua teoria, na qual incluiu toda a Europa Oriental e sustentou que: "Quem controlar a Europa Oriental controlará o Heartland, e quem controlar o Heartland controlará a World Island e, portanto, o mundo." (CANCIAN, 2022).

Como a Europa Oriental, com exceção dos Bálcãs, é dominada por planícies, essa região sempre suportou o peso de todas as invasões da Ásia Central. Enquanto isso, a parte ocidental do continente se beneficiou de ter uma região tampão que absorveu esse impulso asiático. Por esta razão, a Europa Oriental é, por sua vez, o terreno perfeito para se expandir para a Ásia; o mero controle da parte ocidental da Europa é inútil se o poder e a influência não forem exercidos no leste. É por isso que a partir de 1919 e especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, podemos observar uma luta dentro da Ilha Mundial pelo controle da Europa Oriental que deu origem a Heartland. A Alemanha nazista procurou se expandir principalmente para o leste com seu "Lebensraum", algo que a União Soviética não pretendia permitir (CANCIAN, 2022).

Figura 2 – Teoria de Heartland



Fonte: GEOPOLITICAL FEATURES (2019)

Independentemente de outros espaços-chave, como o Oriente Médio ou a Ásia, a Europa Oriental ainda pode ser vista como uma região-chave onde a luta entre os EUA e a Rússia é mais evidente do que em qualquer outra área. Não há dúvida de que o primeiro tenta criar uma espécie de "cordão sanitário" do mar Báltico ao mar Negro, atraindo para sua esfera países que historicamente fizeram parte ou se aliaram à Rússia. Curiosamente, embora a Rússia fosse o candidato histórico perfeito para dominar o Heartland, a maior parte de sua população, infraestrutura e indústria são encontrados na Rússia européia. Hoje a Rússia não pode competir com a hegemonia chinesa na Ásia, então tenta manter sua influência na Europa Oriental. Dentro da dinâmica de Mackinder e do domínio do Leste Europeu, as potências locais menores também teriam que ser atendidas. Organizações como o grupo de Visegrad (Hungria, República Tcheca, Polônia e Eslováquia) tentam obter alguma liberdade de ação, sem depender das grandes potências. Devemos também ter em conta o crescente nacionalismo polaco e o ressurgimento de ideias como Międzymorze ou Intermarium, um conceito que visa ressuscitar as fronteiras da Comunidade Polaco-Lituana através da diplomacia (CANCIAN, 2022).

Mackinder argumentou que a dinâmica mundial seria a de uma potência terrestre que domina o Heartland (na época Rússia/União Soviética), que enfrentaria uma potência marítima (Grã-Bretanha ou EUA), que tentaria impedir uma potência de o Heartland assumiu a ilha do mundo. Do ponto de vista atual, a China deve ser considerada como um candidato mais viável para desempenhar o papel dessa potência terrestre e ainda mais com seu ambicioso projeto da nova rota da seda. Com este plano, a China procura exercer a sua influência sobre a vasta área da Eurásia não graças ao poderio militar, mas graças ao comércio (CANCIAN, 2022).

2.1.3 Teoria de Rimland

De acordo com Spykman *et al.*(2020), a teoria de Mackinder, embora pudesse fazer sentido no mundo do início do século 19, não envelheceu muito bem na era pós-Segunda Guerra Mundial. Em 1942, o americano Nicholas Spykman criou a teoria de Rimland, que rivaliza com a de Mackinder. O Rimland é composto de muito do que Mackinder chamou de crescente interno. O Rimland, portanto, é a orla externa da Eurásia que circunda o Heartland.

Spykman influenciou muito a política externa americana durante a Guerra Fria. Seus escritos foram fundamentais para grandes personalidades americanas da Guerra Fria, como Henry Kissinger, John Dulles ou Zbigniew Brzezinski (SPYKMAN *et al.*, 2020).

Spykman difere de Mackinder e, de fato, se baseia nos três mais recentes conflitos de grande escala que o continente europeu experimentou, como as Guerras Napoleônicas e as duas guerras mundiais. Ele nega que a dinâmica seja de uma potência terrestre enfrentando uma potência marítima, mas que eventualmente seja a Grã-Bretanha/EUA (potências marítimas) e seus aliados Rimland, que enfrentam a Rússia e seus aliados Rimland, ou vice-versa. , as potências marítimas e a Rússia aliou-se contra uma potência dominante em Rimland.

Spykman sustentou que o Rimland da Eurásia e as áreas costeiras eram a chave para o controle da Ilha Mundial. O Rimland contém o Heartland, quem controla o Rimland acabaria por controlar a Ilha do Mundo, uma vez que estaria cercado (SPYKMAN *et al.*, 2020).

Esta teoria explica muito bem parte da estratégia de contenção americana durante a Guerra Fria e sobretudo, do ponto de vista europeu, a grande expansão para leste que a OTAN tem realizado. Deve-se acrescentar que Spykman se opôs aos processos que buscavam unificar o continente europeu. Segundo sua visão, isso alteraria o equilíbrio, já que os EUA intervieram na Europa para impedir a supremacia alemã no Rimland, portanto, uma integração europeia sob a égide de uma única organização comandada por europeus, prejudicou os EUA e representou,

portanto, o mesmo mal que a dominação nazista ou soviética do continente (SPYKMAN *et al.*, 2020).

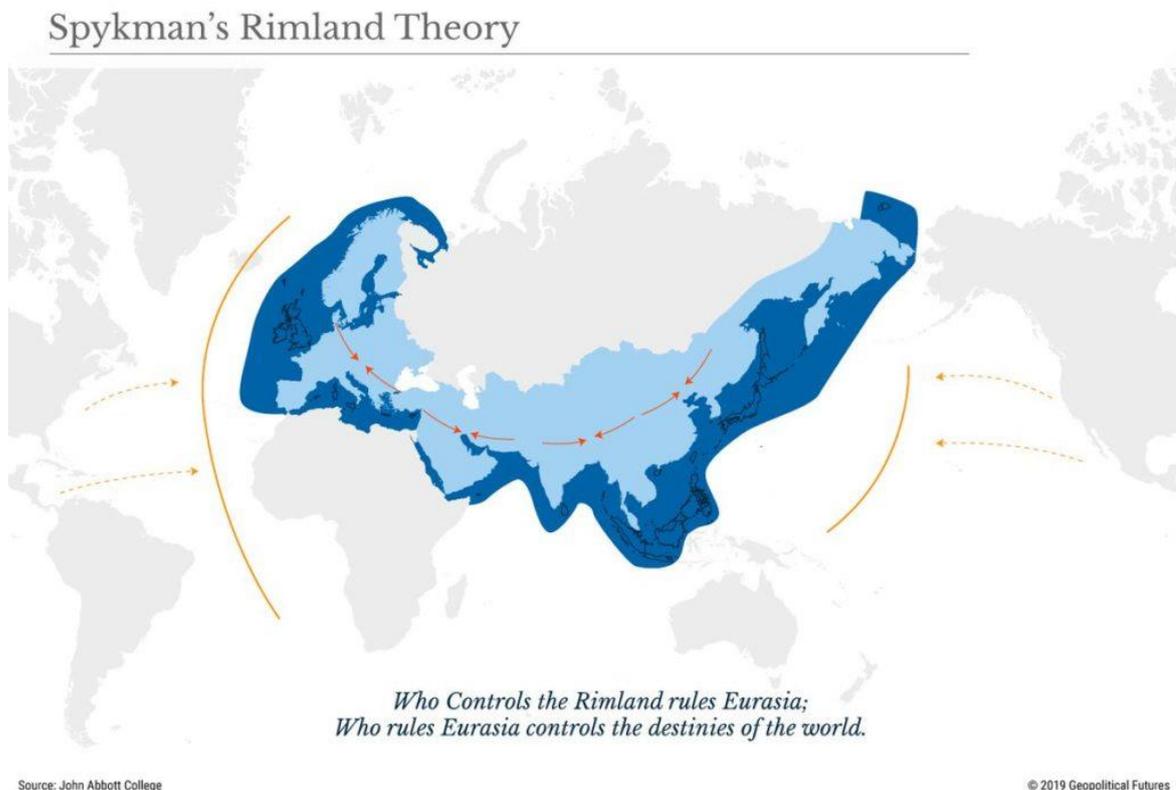
Spykman alterou a frase de Mackinder:

"Quem controla o Rimland governa a Eurásia, quem governa a Eurásia controla o mundo."

É do interesse dos EUA manter um equilíbrio de poder no Rimland. Uma situação contínua de desconfiança UE-Rússia é de seu interesse, pois isso impedirá uma parte significativa do Rimland de se aliar à Rússia e, eventualmente, à China, o que tornaria os EUA uma potência irrelevante. Por sua vez, essa teoria explica muito bem a fixação dos Estados Unidos no Oriente Médio e sua recusa em perder influência na região (SPYKMAN *et al.*, 2020).

Por alguma estranha razão, a teoria de Spykman não é tratada da mesma forma que a de Mackinder, apesar de ser mais moderna e adaptada aos tempos. A teoria de Mackinder peca com o eurocentrismo da época e se torna obsoleta com a ascensão das potências de Rimland, como Irã, Índia ou principalmente China. A teoria de Spykman, ao contrário, embora não seja perfeita, ajuda a explicar e compreender parte da realidade atual, derivada da Guerra Fria e do período de dominação estadunidense que levou ao seu fim (SPYKMAN *et al.*, 2020).

Figura 3 – Teoria de Rimland



2.1.4 Teoria marítima de Mahan

Segundo Almeida (2019), Alfred Thayer Mahan foi um almirante americano e estrategista naval do final do século XIX. Curiosamente, ele não ficou famoso por suas ações militares ou por seu amor pela navegação a vapor, que detestava. No entanto, seus livros e artigos, de grande ensinamento estratégico, deixaram sua marca e influenciaram não só a política externa dos Estados Unidos, mas todas as potências que buscavam poder e influência através do domínio naval. Na Alemanha do Kaiser Wilhelm II, ele forçou seus marinheiros, incluindo o famoso Ministro da Marinha Alfred von Tirpitz, a ler e aprender com os ensinamentos de Mahan para responder ao poder naval britânico durante a Primeira Guerra Mundial. Por sua vez, o Japão Imperial também se interessou pela teoria de Mahan, pois dependia fortemente de sua marinha para expandir e sustentar seu império no Pacífico.

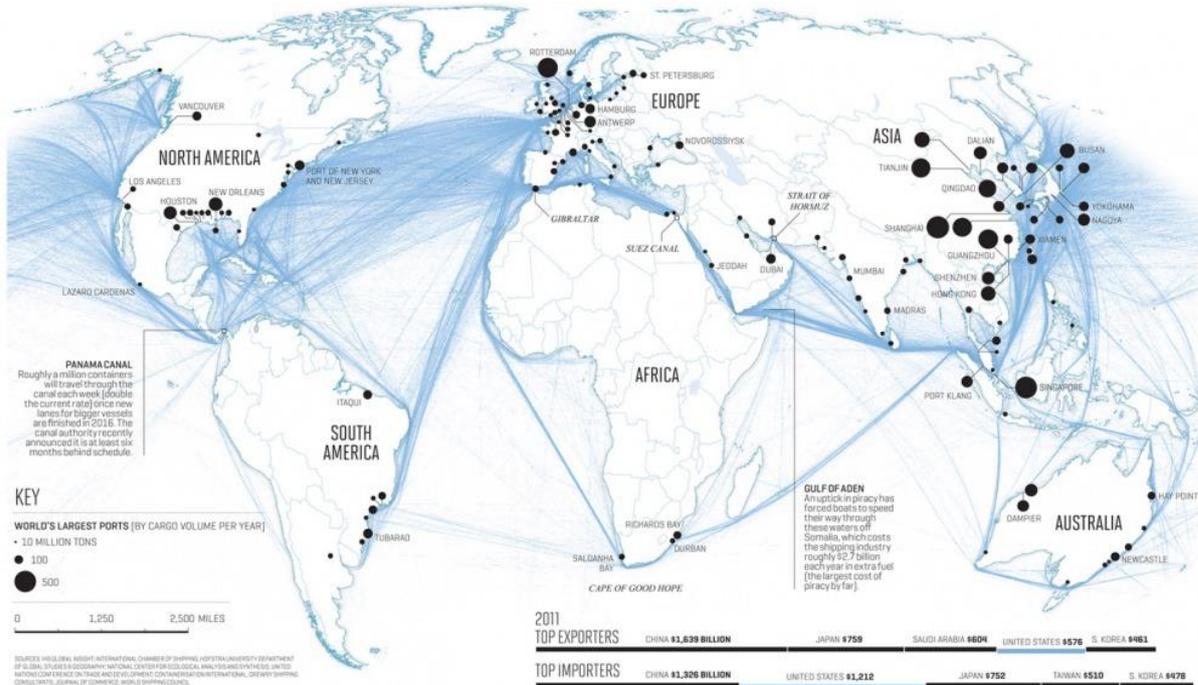
O desenvolvimento do pensamento de Mahan, juntamente com suas obras, ocorre ao mesmo tempo que o surgimento da noção de geopolítica. Sua obra mais importante talvez seja: *A influência do poder marítimo sobre a história (1660-1783)*. Mahan fala em chave geopolítica sem mencioná-lo, como os teóricos alemães de seu tempo, o conflito é visto como "progresso", é um mero movimento de natureza política. Na mesma linha de Mackinder (a dinâmica da história mundial é determinada pela luta entre uma potência naval e uma terrestre), Mahan considera que o poder naval prevalece sobre o poder terrestre e que é a chave para vencer qualquer conflito, a história o prova (ALMEIDA, 2019).

Numa perspectiva reducionista: a poderosa Pérsia (potência terrestre) viu como sua invasão da Grécia começou a ser truncada em decorrência da derrota de Salamina pelas mãos dos exércitos das cidades-estado gregas (potência naval). O poder terrestre que era Roma teve que primeiro quebrar o poder marítimo cartaginês no mar e depois derrotá-los em duas guerras terrestres. Exemplos semelhantes podem ser encontrados nas duas guerras mundiais, onde partes-chave de ambos os conflitos foram decididas pelo poder naval, com resultados conhecidos por todos (ALMEIDA, 2019).

Segundo sua visão, o poder naval deve atuar separadamente do terrestre. O objetivo é buscar uma primeira e última batalha, uma batalha decisiva contra o inimigo. A manutenção das vias de comunicação e abastecimento marítimo também é fundamental. Mahan é influenciado em seu pensamento pela estratégia britânica, a maior potência do século XIX, cujo poder se baseava na supremacia naval. O objetivo de quem busca dominar o mar deve ser explorá-lo e defendê-lo, sempre visando o seu próprio benefício. O poder marítimo também é sustentado por um comércio próspero e ininterrupto. Em relação aos EUA, Mahan considerou

que o seu país deveria dotar-se de uma frota que o ajudasse a controlar o ambiente próximo, expandir a sua presença para águas mais distantes e finalmente dominar mercados e portos estratégicos, sempre atuando globalmente (ALMEIDA, 2019).

Figura 4 – Teoria marítima de Mahan



Fonte: GEOPOLITICAL FEATURES (2019)

Mais uma vez, Zbigniew Brzezinski é um exemplo de figura influenciada pelo pensamento de Mahan. Em sua famosa obra, *The Grand Chessboard* (conhecida em espanhol como *El Gran Tablero Mundial*), Brzezinski desenvolve a ideia de que a posição insular dos EUA e a falta de vizinhos hostis lhe dão a capacidade de escolher se atua ou não em uma determinada área do planeta à vontade. Para fazer isso, a hegemonia da Eurásia deve ser evitada e o controle marítimo mantido, basicamente uma ideia modelada na abordagem global do Império Britânico. Essa ideia seria uma projeção global do Plano Anaconda da União durante a Guerra Civil dos Estados Unidos. O bloqueio naval e o controle dos grandes rios que desaguavam no Atlântico foram fundamentais para sufocar a Confederação. De acordo com o plano de Mahan, os EUA eventualmente aplicariam um controle semelhante dos mares e oceanos do planeta, se necessário (ALMEIDA, 2019).

Embora os EUA sejam até hoje a potência marítima por excelência, também devemos nos concentrar na China. Embora ainda não tenha um poder marítimo igual ao dos EUA e, em alguns aspectos, nem mesmo superior ao da Rússia, a China está se modernizando muito

rapidamente e já começa a tentar cumprir o primeiro preceito de Mahan, dominar as águas ao seu redor. Exemplo disso é o conflito com seus vizinhos e com os EUA no Mar da China (ALMEIDA, 2019).

2.1.5 Conceito de Border e de Frontier

A Teoria do Poder Terrestre implica no entendimento dos conceitos de Border e Frontier, conceitos esses que vão dar uma clareza maior sobre como funciona, geopoliticamente, a Operação ÁGATA.

Vargas (2017) distinguiu a fronteira em duas vertentes. A primeira é o limite do território, linha que divide os territórios entre dois Estados, definindo os limites territoriais de um Estado. Na segunda “A fronteira mais o que somente apartar, tem também o condão de unir povos vizinhos. Para além de sua caracterização de limite territorial, pode ser compreendida como um lugar, um espaço vivenciado em comum [...]” (VARGAS, 2017, p.44), ou seja, espaço físico em que uma civilização reside.

Medina García (2006) fala que a literatura trata essas duas vertentes como Border e Frontier. A primeira sendo o limite de contato entre dois territórios governados por dois Estados diferentes, exercendo sua soberania sobre eles, e a segunda sendo o espaço como periferia que, apesar do Estado exercer sua soberania, do ponto de vista Político esse espaço recebe escassa presença política, pouco desenvolvidas e não totalmente exploradas.

As duas se diferem quando são vistas da esfera militar, pois uma causa a preocupação de defesa nacional, no tocante a defesa de ameaças originárias de Estados estrangeiros (border), já a outra é caracterizada pelas ameaças que são geradas pelas próprias vulnerabilidades do Estado. Nos dois casos as Forças Armadas são usadas como instrumento militar para combater essas ameaças.

Figura 5: Faixa de fronteira do Brasil



Fonte: IBGE

2.2 OPERAÇÃO ÁGATA

O governo brasileiro lançou uma operação conjunta contra crimes na divisa dos estados do Amazonas e Roraima, realizada por 1.500 militares das polícias militar, federal e local, e dos Institutos do Meio Ambiente (IBAMA) e Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e também envolveu a coordenação com países vizinhos.

As operações são conduzidas periodicamente, de forma planejada e integrada, visando a intensificação das ações de segurança e vigilância nas áreas de fronteira do Brasil, com ênfase na região amazônica. Cada operação tem um objetivo específico, que pode variar de acordo com a necessidade do momento. Entre os objetivos mais comuns estão o combate ao tráfico de

drogas, contrabando, crimes ambientais e o reforço da presença do Estado nas regiões de fronteira.

Durante as operações, as forças militares e de segurança realizam diversas atividades, tais como patrulhamento fluvial e terrestre, fiscalização de veículos e embarcações, revistas de pessoas e cargas, apreensão de drogas, armas e mercadorias ilegais, entre outras ações. Além disso, as forças envolvidas nas operações também prestam apoio logístico e humanitário para as comunidades locais, como assistência médica e odontológica, distribuição de alimentos e água, e atendimento psicológico.

Desde a primeira edição da operação em 2011, várias outras operações foram realizadas, com diferentes níveis de intensidade e objetivos. Algumas das operações mais recentes incluem a "Ágata 11", realizada em 2020, que teve como objetivo principal o combate ao garimpo ilegal na região amazônica, e a "Ágata Amazônia", realizada em 2021, que teve como objetivo intensificar as ações de segurança e vigilância na região da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.

A Operação ÁGATA fica restringida ao conceito de frontier, visto que a operação não inclui medidas protetivas contra ameaças de Estados externos, ou seja, medidas pra assegurar a fronteira como limite de território, mas sim contra ameaças na fronteira como lugar, principalmente nas áreas marrons.

Figura 6 – Operação ÁGATA fronteira sul em Foz do Iguaçu



Fonte: Exército Brasileiro

2.3 PROBLEMAS MILITARES NA FRONTEIRA

Segundo Oscar Medeiros Filho (2019), é possível dividir os problemas militares em duas dimensões, a geopolítica e a securitária. A primeira está relacionada à soberania westfaliana e à função precípua de qualquer força armada: a garantia da integridade territorial do Estado Nacional. No caso específico da Amazônia, diz respeito ao controle e à gestão soberana de seus recursos naturais em meio a cobiça potencial de grandes potências. A segunda dimensão diz respeito à soberania doméstica e à ameaça de surgimento naquele espaço de “zonas cinzentas”, em que o Estado teria dificuldades de aplicar de forma efetiva o monopólio da violência legítima, abrindo espaço para a proliferação de ilícitos de toda ordem e, o que é mais grave, para o aparecimento de poderes paralelos no tecido social.

Na dimensão geopolítica, a ameaça externa é uma grande preocupação das forças armadas, visto que o Brasil possui em seu território grande parte da Amazônia, sendo essa cobiçada por diversos países. Essa cobiça é justificada pela grande diversidade da fauna e da flora, da grande quantidade de água doce presente e também pela presença de minerais raros. Casos de ameaças externas já foram enfrentadas pelo país, como por exemplo a denúncia por

militares brasileiros do “Corredor Triplo A”, que se trata de um projeto de criação de um corredor que ligaria os sistemas ecológicos dos Andes, da Amazônia e do Oceano Atlântico no território brasileiro.

Dois eventos também contribuíram para dar um maior destaque a esse debate a uma questão de risco existencial para o Brasil. Em 2019, o primeiro evento foi a publicação do artigo “Who will invade Brazil to save the Amazon?”, de autoria de Stephen Walt, na revista *Foreign Policy*. Nele, Walt apresentou um ensaio teórico sobre a pertinência de intervenção internacional para prevenir catástrofes ambientais usando como estudo de caso a Amazônia brasileira. A discussão central diz respeito à capacidade dos Estados se manterem independentes diante da pressão ambiental internacional. A conclusão do autor é preocupante: por não possuir uma capacidade dissuasória crível, o Brasil se tornaria vulnerável àquelas pressões (WALT, 2019). O segundo evento aconteceu na cidade francesa de Biarritz, na reunião do G7 em 2019, entre os dias 24 e 26 de agosto. Nessa reunião foi levantado o tema “queimadas na Amazônia”, situação na qual o presidente da França, Emmanuel Macron, sugeriu uma possível internacionalização da Amazônia, em caso de algum Estado Soberano tomar decisões que se opusessem aos interesses de todo o Planeta.

O Tratado de Cooperação Amazônica (TCA), criado em 1978, que unia Brasil, Colômbia, Equador, Bolívia, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela em torno de uma agenda comum para a região foi a visão política externa brasileira em resposta a essa ameaça de internacionalização da Amazônia, ao passo que reservava às nações que possuíam em seu território parte da Amazônia a responsabilidade exclusiva daquela região.

A dimensão securitária diz respeito à dificuldade de manter a soberania no vasto território amazônico, principalmente em sua periferia, no tocante a possibilidade de acontecer uma fragmentação do território, por falta de ação do poder e assistência estatal nessas regiões. Tal possibilidade ficou visível quando, a partir dos anos 1980, com o agravamento de conflitos internos na Colômbia, principalmente por grupos armados (guerrilhas, narcotraficantes, etc) juntamente com a fragilidade estatal e alto índice de corrupção social conduziram à perda do controle de porções territoriais.

Tendo isso como base, nota-se que o problema na dimensão securitária não é um problema “de fronteira” e sim “na fronteira”, o primeiro sendo de caráter geopolítico e o segundo de natureza criminosa. Essas vulnerabilidades encontram sua existência na ausência da presença do Estado nessas regiões, ou seja, na deficiência de prover serviços básicos a população local e também de exercer e impor o cumprimento da lei, juntamente com a criminalidade transnacional muito presente na região.

Essas áreas em que organizações criminosas transnacionais conseguem controlar e exercer influência sobre a população local foram chamadas de “áreas marrons”, essas áreas são definidas como espaços em que atores não-estatais que são vinculados a práticas e redes ilegais locais e internacionais acumulam tantos recursos e influências que acabam se sobrepondo sobre a fraca presença do Estado nessas áreas.

Figura 7 – Fronteiras da amazônia brasileira



Fonte: MAGALHÃES (2015)

2.4 FUNÇÃO DO TENENTE COMANDANTE DE PELOTÃO

O tenente exerce uma função chave no Exército Brasileiro, sendo o elo que liga o Escalão Superior ao pelotão. O tenente desempenha um papel fundamental na liderança de tropas e na gestão de equipes militares. Ele é responsável por instruir, motivar e supervisionar os soldados sob sua autoridade, garantindo que as missões sejam cumpridas com eficiência e disciplina.

O tenente é frequentemente encarregado de tomar decisões operacionais em situações de campo ou de combate. Ele deve avaliar as informações disponíveis, considerar os objetivos estratégicos e táticos, e tomar as melhores decisões para o sucesso da missão e a segurança de seu pelotão. Além das responsabilidades operacionais, o tenente também tem tarefas administrativas, como a elaboração de relatórios, a manutenção de registros, a supervisão do material e equipamento sob sua responsabilidade, e a coordenação de atividades logísticas.

Na fronteira, alguns tipos de missões específicas são designadas ao tenente comandante de pelotão. Exemplos dessas missões é o patrulhamento, em que o tenente, com seu pelotão, executa patrulhas em determinada área de interesse estratégico, previamente definida, podendo ser patrulhas terrestres, fluviais, de vigilância eletrônica, de reconhecimento, etc. Também são exemplos dessas missões o apoio às comunidades locais, cooperação com forças de segurança estrangeiras e também no controle e fiscalização de fronteiras, fiscalizando a entrada e saída de pessoas, veículos, mercadorias e armamentos, colaborando com outros órgãos de segurança, como a Polícia Federal. Dessa forma o tenente ajuda a evitar crimes transfronteiriços que podem vir a ocorrer e melhora o elo entre as populações locais e o exército.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Para o desenvolvimento do estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica do tipo qualitativa. A pesquisa bibliográfica pode ser definida como qualquer pesquisa que requeira informações a serem coletadas de materiais publicados (GIL, 2022).

3.2 MÉTODOS

Foram pesquisados materiais em livros e bancos de dados eletrônicos, onde foram utilizadas as seguintes palavras-chave: geopolítica – Operação Ágata – Border – Frontier.

O material encontrado foi lido e as partes que poderiam ser utilizadas no estudo foram resumidas e devidamente referenciadas, passando a compor o referencial teórico e o tópico de resultados e discussão.

O material que não dizia respeito ao tema foi descartado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 PAPEL DO TENENTE COMANDANTE DE PELOTÃO NA FRONTEIRA

A atuação do tenente do Exército Brasileiro na fronteira desempenha um papel fundamental na proteção e segurança do território nacional. A presença de tenentes na fronteira visa garantir a soberania do país, prevenir ações ilícitas, combater o tráfico de drogas, armas e outros ilícitos transfronteiriços, além de promover a integração com as comunidades locais.

Por um lado, a presença do tenente na fronteira representa uma força militar capaz de responder prontamente a ameaças, garantindo a segurança da população e a defesa dos interesses nacionais. O tenente é responsável por liderar tropas e coordenar operações de patrulhamento e vigilância, exercendo um papel de comando e autoridade.

Além disso, o tenente na fronteira desempenha um papel importante na relação com as comunidades locais. Ele atua como um ponto de contato entre o Exército e a população, promovendo ações sociais, auxílio humanitário e integração com os moradores da região. Essa interação pode contribuir para a confiança e cooperação entre as partes, fortalecendo os laços entre o Exército e a sociedade.

As condições adversas, como o clima, a extensão territorial e a presença de grupos criminosos organizados, podem demandar uma atuação estratégica e adaptável por parte do tenente e de sua tropa.

4.2 RELAÇÃO DA OPERAÇÃO ÁGATA COM O PAPEL DO TENENTE COMANDANTE DE PELOTÃO NA FRONTEIRA

A Operação ÁGATA funciona de forma muito semelhante à função que o tenente exerce na fronteira, independente do tenente estar na Operação ÁGATA em si ou não, no entanto, na Operação ÁGATA, o Cmt de Pelotão exerce suas funções somente no âmbito do conceito de frontier. As ações coincidem em suas execuções e finalidades, até mesmo quanto a atuação com outros órgãos de segurança, com a peculiaridade que a Operação ÁGATA intensifica a função do tenente na fronteira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, é possível ver que a Operação ÁGATA se resume simplesmente no emprego do tenente e seu pelotão em larga escala na fronteira, visto que o desempenho da função do tenente em qualquer parte da fronteira é o mesmo que na Operação ÁGATA, somente sendo diferente quanto a prática da defesa contra outros Estados no âmbito de limite territorial.

Por fim, tendo isso como base, também é possível concluir que a Operação ÁGATA tem caráter permanente, principalmente aos olhos da geopolítica sob o conceito da Sobrevivência do Estado, sendo difícil enxergar um fim para esta operação.

Como oportunidade de melhoria, sugere-se a ampla divulgação do trabalho para que mais militares se motivem a servir em Organizações Militares que se localizam na faixa de fronteira, ou então que enviam oficiais para missões nessas áreas, para que o militar possa ter a experiência de ser empregado em tal operação, fornecendo assim maior eficiência para a operação, inibindo a entrada de ilícitos no país e o aumento das áreas marrons.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. E. A. **Os gigantes da estratégia naval**. São Paulo: Prismas, 2019.
- CANCIAN, R. **Geopolítica: teorias do Heartland e do Rimland**. 2022. Disponível em: <www.educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/geopolitica-teorias-do-heartland-e-do-rimland.htm>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- DANTAS, I. **Teoria do estado Contemporâneo**. São Paulo: Juruá, 2016.
- SPYKMAN, N. J. *et al.* **A geografia da paz**. São Paulo: Hucitech Editora, 2020.
- VARGAS, F. A. **Formação das fronteiras latino-americanas**. Brasília, DF: Funag, 2017.
- MEDINA GARCÍA, E. M. Aportaciones para una epistemología de los estudios sobre fronteras internacionales. *Estudios Fronterizos, Mexicali*, v. 7, n. 13, p. 9-27, 2006.
- OSCAR M. FILHO, **Desafios do Exército Brasileiro nas fronteiras amazônicas: entre a border e a frontier**. Brasília: DF, 2019